NELSON RODRIGUES

CONFISSÕES DE UM CINÉFILO RELUTANTE

ENTREVISTA a JOSÉ LINO GRÜNEWALD

FILME CULTURA apresenta a primeira entrevista extensa e exclusivamente sobre cinema concedida por Nelson Rodrigues. A matéria só foi possível porque José Lino Grünewald, o entrevistador, reúne — entre outras — duas qualificações raramente vistas juntas: a de amigo do escritor e a de personagem do universo do autor de "Vestido de Noiva". JLG foi incorporado à galeria de figuras reais que Nelson Rodrigues movimenta sem pedir licença — ou com a licença da intimidade fraternal — nas "Confissões", seu território cotidianamente cultivado no jornal "O Globo".

O Dossiê "Obra literária/roteiro/filme" (FILME CULTURA n.º 20) inclui 10 respostas sucintas de Nelson Rodrigues à nossa "enquête" sobre as relações entre o cinema, o teatro, o romance e outras formas de criação ficcional. Dizia então o escritor: "Na minha opinião o cinema não chega a ser uma arte. Daqui a seis mil anos talvez o seja." O Nelson Rodrigues da entrevista a seguir se mostra muito mais generoso com o cinema, apesar das muitas reservas. Se os cinéfilos são aqueles que costumam ver cinema com freqüência e mesmo com certo ecletismo de gosto, então o entrevistado pode ser incluído entre eles.

José Lino Grünewald é poeta, ensaista, jornalista. Além da crítica de cinema, sua atuação na imprensa se estende pelas áreas da música popular e da literatura. **FC**

José Lino Grünewald
— Nelson, você vai muito ao cinema?

Nelson Rodrigues — Vou.

(O primeiro elemento básico: Nelson vai ao cinema. Na última vez que fomos juntos, ele assistiu **Point Blank** (A Queima-Roupa), de John Boorman, e à saída disse que gostara. Mas vem vendo outras coisas — e muitas — desde o silencioso.)

JLG — Qual é o melhor cinema do mundo?

NR — Hollywood — é o óbvio ululante.

JLG — E o cinema francês?

NR — É como o italiano: um conto-do-vigário. Ambos são cinemas de moedeiros falsos.

JLG — E o cinema brasileiro? Luiz de Barros, Humberto Mauro etc?

NR — Acho que, do cinema brasileiro, salva-se **Toda Nudez Será Castigada.** (Nelson não tem medo apenas do elogio; ao contrário, alimenta o autoelogio e veremos porque, mais adiante, quando vier dar o seu "pla" a respeito da idéia do gênio.) Tudo o mais é um "pot-pourri" de influências.

JLG — Diga algo sobre os filmes realizados com base em sua obra.

NR — **Meu Destino é Pecar,** de Manuel Peluffo, é ruim demais. Tanko é sério (J. B. Tanko filmou dois: **Asfalto Selvagem** e **Engraçadinha Depois dos 30**). Gostei do **Boca de Ouro,** de Nelson Pereira dos Santos. De **Bonitinha, Mas Ordinária,** gosto das minhas falas. Flavio Tambellini em **O Beijo no Asfalto** é o Kafka do circo democrata. **A Falecida,** feita pelo Leon Hirszman, sou eu, sem humor.

JLG — Então, **Toda Nudez Será Castigada** é o melhor?

NR — Sim, porque **Toda Nudez,** ao contrário do que pensa o Jabor, é um filme que tem todos meus defeitos. Já o mais grave defeito do Jabor é a admiração dele pelo Godard. (Vê-se que Arnaldo Jabor está numa doce e colorida berlinda.) Jabor crescerá de maneira fantástica quando brigar com todas suas atuais amizades. O Jabor só não é muito maior porque não é reacionário, mas, um dia, ele o será e nós assistiremos à explosão do seu gênio. Nunca vi ninguém com mais vocação para aristocrata do que o Jabor. Aliás, com relação a isso, entre as minhas maiores admirações está o Roberto Campos; outra é o Mario Henrique Simonsen. (Campos e Simonsen, à primeira vista, entraram como Pilatos no credo. Mas não é bem isto: Nelson está fazendo o cinema, a montagem de suas admirações, pois quem gosta de ser admirado também gosta de admirar.)

JLG — E o Glauder Rocha, tão falado e badalado nas crônicas cinematográficas e sociais?

NR — Vi **Terra em Transe.** Seria genial se fosse anterior ao **Oito e Meio** (Otto e Mezzo), do Fellini. (Aqui, apesar do que foi dito acima, uma concessãozinha ao cinema italiano...)

JLG — Enfim, o cinema nacional tem futuro?

NR — Acho que dá pé, quando desaparecer o Cinema Novo, até o último vestígio.

JLG — Voltando a **Toda Nudez Será Castigada:** e os atores?

JLG — Vê filme na televisão?
NR — Vejo prá burro. E quanto mais antigo e mais reprisado, melhor.

JLG — E novela?

NR — Não vejo por falta de tempo.

JLG — Mas, afinal, o que é que está acontecendo?

NR — Marx e Brecht são responsáveis pela cretinização de toda uma geração de cinema e de teatro. As cartas de Marx mostram que ele é imperialista, colonialista, genocida — quer a destruição de povos, os quais chama de piolhentos, de anões, que não merecem a existência.

Engraçadinha Depois dos 30, **dirigido por J. B. Tanko.**

NR — Paulo Porto está magistral. E a Darlene Glória é a Greta Garbo. Veja, por exemplo, como está divinamente bem quando diz: "Estou ocupada!"

JLG — E o que diz da rejeição de **Toda Nudez** pela Comissão de Seleção do Festival de Cannes?

NR — Uma das provas de minha vitalidade é o fato de não ser eu um autor oficial.

JLG — Você, que é um fã do futebol, que acha dos filmes já feitos na área?

NR — Nenhum dos nosos filmes sobre o futebol é bom, embora o futebol seja cinematográfico. A exceção é o bom documentário da Copa do Mundo de 1970, feito pelo Carlinhos Niemeyer (**Brasil Bom de Bola**).

JLG — Você não acha que seu teatro sofre influência do cinema?

NR — Meu teatro tem algo de cinematográfico. Ações simultâneas, tempos diversos; o que, por exemplo, caracteriza "Vestido de Noiva".

JLG — Porém isto foi uma influência elaborada através da vivência com o cinema ou foi mais intuição?

NR — Foi intuição. Veja, no "Album de Família", por exemplo, no retrato, todo mundo está posando, enquanto, sentado, nu, está Nonô. Todo meu teatro é rigorosamente profético. Tem tudo o que se faria depois, no teatro e no cinema. O "Album" é 500 vezes mais forte do que **O Último Tango em Paris,** com antecipação de 30 anos. Exprime uma violência que, agora, é usada.

NELSON RODRIGUES

NR — Outra descoberta minha é que há épocas de débeis mentais, como esta que vivemos. Só conheço o marxista de galinheiro, não excluindo o próprio Karl Marx, que também é marxista de galinheiro.

JLG — E o Godard é marxista de galinheiro?

NR — O Godard não joga nem de gandula no meu time. (O entrevistador entra, agora, em transe de protesto — mas que fazer? —, Nelson é um inovador, mas, como moralista, é um clássico.)

JLG — Quais os filmes que mais o impressionaram?

Ivan Cândido e Fernanda Montenegro: A Falecida.

André Villon e Jece Valadão: Bonitinha, Mas Ordinária.

JLG — Acha que alguns dos seus personagens-padrão seriam cinematográficos?

NR — Sim. Veja: a grã-fina de narinas de cadáver; o vago marxista; o Palhares que é o canalha; o intelectual brasileiro socialista, isto é, o debil mental de babar na gravata; o falso cretino, isto é, o sujeito inteligentíssimo que se finge de imbecil para ter livre trânsito no grã-finismo e na "festiva" etc.

JLG — Que mais você descobriu além dessa gente toda?

NR — **O Segredo das Jóias** (The Asphalt Jungle), de John Huston — diz o que quer, como quer.

JLG — E mais?

NR — **Variété**, de Dupont.

JLG — E mais?

NR — ... **E O Vento Levou.** É negócio de Michelangelo.

JLG — E ainda mais?

NR — Todo Chaplin, inclusive **Luzes da Ribalta** (Limelight). Aliás, sou admirador de Vicente Celestino porque é chapliniano. Uma revisão crítica dele demonstrará isso. "O Ébrio", "Coração Materno" e aquela canção-tango maravilhosa, "eu ontem rasguei o teu retrato, ajoelhado aos pés de outra mulher ..." — é como Chaplin. Não é à toa que fez 70 anos de sucesso.

JLG — Mais ainda? Filme histórico?

NR — **Maria Antonieta** (Marie Antoinette), pela Norma Shearer.

JLG — E mais...

NR — As comédias antigas, do Buster Keaton, do Harold Lloyd. Adoro bolo na cara do freguês.

JLG — E ...

NR — Todos os filmes de Rodolfo Valentino são momentos definitivos de minha memória cinematográfica. Era garoto de 13 anos e tive uma paixão intensa pela atriz de um de seus filmes (parece que o nome era Ellen Dalgy, mas Nelson não se recorda do título da fita).

JLG — Continue.

NR — Gosto prá burro de opereta da Metro. Aliás, não só na tela, gosto de opereta de qualquer maneira, no disco, no palco. (Aqui, o entrevistador se lembra que, em matéria de ouvir músicas românticas de grande sucesso no cinema, ele e o entrevistado cultivam uma audição diária e cada vez mais sublime de composições como "Ramona", a valsa da "Viúva Alegre", "Ó Doce Mistério da Vida", "El Dia Que me Quieras".)

JLG — Há tempos, em entrevista a "Cahiers du Cinéma", Lévy-Strauss disse que imaginava o grande cinema do futuro, como a filmagem de óperas, em cores e tela imensa, atores bonitos dublados pelos melhores cantores. Concorda?

NR — Trata-se de uma idéia formidável.

JLG — E, agora, vamos aos atores e atrizes. Qual a maior atriz?

NR — Greta Garbo. É a primeira atriz moderna do mundo, porque todas as outras são anteriores ao primeiro espartilho de Sarah Bernhardt.

JLG — Qual o maior ator?

NR — Chaplin. Mas também é inesquecível a performance do Anthony Quinn, naquele papel do "boxeur" decadente. (Trata-se de **Requiem Para um Lutador**, de Ralph Nelson.) É genial a voz que ele faz.

JLG — Já assistiu, na tela, filmagem de alguma peça que ficasse tão boa quanto no original?

NR — Todo grande teatro inclui o elemento teatral e cinematográfico. Toda grande peça pode dar em grande filme. Gostei de **Ricardo III** no cinema.

JLG — E o que você acha de Orson Welles?

NR — Fiquei meio desiludido quando ele disse que não era um gênio. O sujeito que não se considera um gênio não deve se dedicar a fazer arte ou literatura. Então que faça filhos e, se já tem oito, que continue fazendo. Não consigo admirar **Cidadão Kane** — é um Pirandello muito suburbano. No **Boca de Ouro**, em vez de uma única verdade de cada um, eu uso 700 mil verdades de cada um. No Orson Welles, eu gostei de **O Processo.** Nunca vi uma platéia tão respeitosa porque não estava entendendo nada.

JLG — E o Eisenstein?

NR — Vi **O Encouraçado Potemkim.** Mas a gente acaba nunca sabendo se a obra de esquerda é boa ou o sujeito está sendo vítima de uma coação irresistível.

JLG — Você, que é leitor incessante do Dostoievski, viu algum filme baseado nele?

NR — Gostei dos **Irmãos Karamazov**, da Metro (direção de Richard Brooks). Claro, o cinema americano não consegue ser burro, seu "métier" e sua sabedoria impedem a burrice.

JLG — Então, o "bang-bang"...

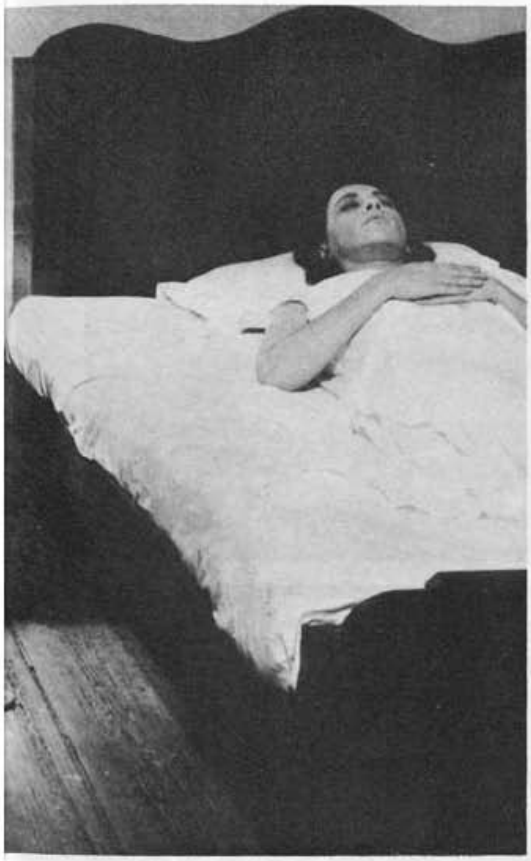
NR — Ainda não vi "bang-bang" ruim. E há os filmes de vampiro... Tenho nostalgia de filme de vampiro.

JLG — E o capa-e-espada?

NR — Qualquer filme de D'Artagnan é formidável.

JLG — Dê um recado para produtores e diretores.

NR — É preciso restaurar o mau-gosto no cinema.



Nelly Martins e Fregolente: O Beijo.